

# ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

# 2



Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvío Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2 /  
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-154-8

DOI 10.22533/at.ed.548211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins  
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu segundo volume, reúne vinte artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES	
Flora Pereira Flor	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
<i>SERMÕES EM PALIMPSESTOS</i> , PARA FLAUTA E SONS ELETRÔNICOS: ASPECTOS COMPOSICIONAIS, ACÚSTICOS E PERFORMÁTICOS	
Rodrigo Manoel Frade	
Felipe Mendes de Vasconcelos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
HÁ QUE SE LER A POÉTICA PARA SE ENTENDER A POLÍTICA	
Dinah de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
SISTEMA DE GESTÃO PARA PROJETOS INTEGRADORES	
Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier	
Seila Cibele Sitta Preto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MÚSICA NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL	
Beatriz Paulino Pereira	
Vania Malagutti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
MÚSICA, VOLUNTARIADO E INTERGERACIONALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Estela Kohlrausch	
Johannes Doll	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
FERRAMENTAS PARA LER, COMPREENDER E INTERPRETAR O <i>CALENDÁRIO DO SOM</i> DE HERMETO PASCOAL	
Ewerton Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
<b>ARTE PARTICIPATIVA E PROPOSIÇÕES SISTÊMICAS: PESQUISAS E EXPERIMENTAÇÕES ACADÊMICAS</b>	
Adriana Gomes de Oliveira Helena Martins de Lacerda Laura Campos Daibert	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>102</b>
<b>AS DESENHAÇÕES COMO POTÊNCIA METODOLÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE: EXPANDINDO OS LIMITES TERRITORIAIS DO QUINTAL</b>	
Taliane Graff Tomita	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
<b>DIVERSIDADE NA ESCOLA: OS DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA</b>	
Ana Beatriz Barreira Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
<b>METODOLOGIA INTEGRATIVA CRIATIVA EM ARTE</b>	
Ana Amélia de Araújo Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>139</b>
<b>AS ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PONTO DE CULTURA JOVENS PESQUISADORES</b>	
Dálete Lima de Souza Érika de Andrade Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>151</b>
<b>O ENSINO DA MÚSICA E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS EM PORTUGAL</b>	
João Guimarães Ribeiro Antônio José Pacheco Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
<b>O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM RELEITURAS DA MONA LISA</b>	
Rosali Henriques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>178</b>
<b>O ENSINO DE REGÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA POPULAR:</b>	

PENSANDO OS DISCURSOS Armando de Araujo Ferreira DOI 10.22533/at.ed.54821100615	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>189</b>
PROJETO SOCIAL E ENSINO DE MÚSICA: OLHAR DOS ALUNOS E DO PROFESSOR EM UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA Livia Figueiredo de Alencar e Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100616	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>197</b>
A EDUCAÇÃO MUSICAL EM UMA ESCOLA RURAL: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA (TRANS)FORMADORA Igor Viana Monteiro DOI 10.22533/at.ed.54821100617	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>207</b>
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTES: DESENVOLVIMENTO DAS DIMENSÕES DA MUSICALIDADE NAS AULAS DE ARTE EM CAUCAIA/CE NO INÍCIO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DO YOUTUBE Daniel do Nascimento Sombra Israel Kleber de Oliveira Teó ilo DOI 10.22533/at.ed.54821100618	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>219</b>
A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE MÚSICA Jayza Monteiro Almeida DOI 10.22533/at.ed.54821100619	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>231</b>
APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA ATRAVÉS DE ESTÁGIO EM PROJETO SOCIAL Yndira Gabriela Fleitas Villarroel Rita de Cássia Domingues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.54821100620	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>243</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>244</b>

# CAPÍTULO 19

## A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE MÚSICA

*Data de aceite: 01/06/2021*

*Data de submissão: 06/04/2021*

### **Jayza Monteiro Almeida**

Professora EBTT- História do IFPA campus Altamira. Integrante do grupo de pesquisa Tecnologia e Educação no Xingu e Região da Transamazônica  
<http://lattes.cnpq.br/5419709601720476>

**RESUMO:** O trabalho aqui descrito tem como objetivo entender o processo e a dinâmica da música nas séries iniciais, compreendendo como o professor se utiliza dela, assim como analisar o papel da música na escola de uma maneira ampla, desde sua utilização nas aulas de música até sua inserção em outros cenários do ambiente escolar. A realidade escolar não corresponde às exigências da legislação, muitas vezes realizada por docentes que não receberam formação acadêmica condizente com suas áreas de atuação e desenvolvem o curso baseado em suas experiências e vivências pessoais. Dessa maneira concluímos que os desafios envolvem a formação docente surge seja no conhecimento da legislação e no entendimento do papel da música na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música, Escola, Educação Musical, Anos Iniciais, Ensino de Música.

### LEGISLATION AND MUSIC EDUCATION

**ABSTRACT:** This thesis aims to understand the process and dynamics of music in the initial series, focusing on how the teacher uses it, as well as analyzing the role of music in school in a broader way, from its use in music classes to its insertion in other settings of the school environment. The practices in school reality do not correspond to the requirements of the legislation and are often carried out by teachers who have not received academic training in accordance with their areas of practice. These teachers teach based on their personal experiences. In this way, we conclude that the challenges involve teacher education, both in studying the legislation and the role of music in school.

**KEYWORDS:** Music, School, Music Education, Early Years, Music Teaching.

De acordo com Ribeiro (2001, p.1) o PCN “(...) é uma referência nacional para o ensino fundamental, estabelecendo uma meta educacional para a qual devem convergir as ações políticas do Ministério da Educação” e segundo definição do Inep (2015, p.1), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são as diretrizes criadas para orientar os professores nos conteúdos, abordagens e metodologias a serem utilizadas ao se executar os objetivos do currículo em sala de aula:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

Eles contemplam o ensino fundamental I, que vai do 1º ao 5º ano e ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano. Ao todo, são divididos em dez cadernos que trabalham com diversas áreas do conhecimento como: Linguagens, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física. Possuem também outros três exemplares extras com os temas transversais, além dos cadernos do Ensino Médio (BRASIL, 1998). Os Parâmetros Curriculares Nacionais como dito anteriormente tem a intenção de nortear o ensino nas diversas etapas da educação básica brasileira além de:

(...) propiciar aos sistemas do ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno (BRASIL, 1998, p.21).

Uma vez que o Brasil é um país imenso e com realidades distintas em cada região, a aplicação de um modelo de um país europeu que possui outra visão e trajetória educacional para se aplicar de Norte a Sul do Brasil não é uma maneira coerente de se fazer um ensino que almeja a qualidade. Só o fato de ele ser um documento único já é por si só um problema, pois muitas sugestões contidas neles não são possíveis de serem realizadas em alguns ambientes escolares, porque em alguns lugares não se possui a mínima infraestrutura. Gomes e Nogueira (2003, p.1) acreditam que:

Considerando-se os resultados ainda pouco significativos no desenvolvimento da qualidade do ensino público, segundo índices nacionais 50 e internacionais, as políticas públicas de educação, especialmente as de orientação curricular, deveriam dar maior ênfase, segundo acreditamos, à realidade escolar, o que acarretaria os menores efeitos perversos possíveis.

Existem inúmeras sugestões e objetivos que norteiam o ensino nos diversos cadernos dos PCNs, no entanto, a partir desse ponto nos ateremos à análise do caderno seis, que contempla o conteúdo de Artes. Na primeira parte deste documento poderemos ver mais a questão dos objetivos e as problemáticas envolvidas com ele. O caderno de Artes é dividido em duas partes. Na primeira há uma explanação geral do que seria a Arte, sua trajetória histórica, as diferentes visões que perpassam o seu ensino, além de explicitar quais os objetivos esperados que os alunos alcancem com a disciplina. Já na segunda parte abordam-se as linguagens da arte, sendo elas artes visuais, dança, música e teatro, além de dar sugestões de como se deve atuar para atingir os objetivos descritos no decorrer do texto. No final do caderno existe um capítulo dedicado a falar das normas e



formas de avaliação (BRASIL, 1998). Ao analisarmos alguns dos objetivos traçados pelos PCNs de Artes em sua primeira parte, algumas inquietações a respeito aparecem:

Através das manifestações artísticas o aluno deverá compreender, sentir, perceber e articular os significados e valores, que orientam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade, além de compreender, relacionar e respeitar a diversidade cultural de outros povos (BRASIL, 1998, p.19).

A disciplina Música ficou por anos fora da escola. Fonterrada (2008, p.54) ainda nos diz que “Foram anos sendo considerado um conhecimento irrisório e por isso algo possível de se passar sem (...)”. Pensamentos desse tipo levam tempo para desenraizar do ambiente escolar e da atitude das pessoas. O próprio PCN reconhece isso ao dizer que:

As práticas de ensino de Arte apresentam níveis de qualidade tão diversificados no Brasil que em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, empobrecendo o universo cultural do aluno. Em outras, ainda se trabalha apenas com a auto-expressão, sem introduzir outros saberes de arte (BRASIL, 1998, p.29).

No entanto, para que os professores consigam trabalhar nessa perspectiva é necessário que cursos de formação continuada sejam ofertados a eles, pois de acordo com os documentos de secretarias de diversos municípios, a disciplina é trabalhada nas séries iniciais por dois tipos de professores: o formado em Artes e o Pedagogo. Este último trabalha com todas as diversas áreas do conhecimento nas séries de 1º ao 5º ano e consequentemente acaba perpassando os conhecimentos artísticos. Para que trabalhe de maneira consciente e com intencionalidade nas suas ações é necessário ter bem claro o que são linguagens artísticas e como se deve trabalhar com elas em sala de aula:

Não podemos esquecer que ainda existem instituições educacionais que possuam este formato de formação; uma grade curricular na área de arte polivalente, ou seja, durante 3 anos os futuros professores, adquirem conhecimento das três linguagens artísticas – artes-visuais, música e teatro. Sendo somente no último ano que verá uma destas linguagens com mais profundidade de seus conceitos (BRASIL, 1998, p.30).

Magalhães (2002, p.162) ainda nos diz que “A polivalência deixou uma lacuna na formação do professor e nas práticas educativas em arte, que contribuíram para a superficialidade da área nos currículos escolares.” A respeito do contato que o pedagogo tem com Artes em seu curso, quando muito é uma disciplina, possui 52 pouca carga horária e perpassa as questões da arte muito superficialmente. Gomes e Nogueira (2003, p.1) concordam com isso ao dizer:

Ainda fazendo o uso dos PCNs, muitos professores têm tido dificuldades em aplicar as sugestões apresentadas por eles, de forma que também se torna questionador o papel destes como diretriz política eficiente nos dias atuais. Algumas questões reflexivas nos levam a indagar também a respeito da formação desses professores e seu envolvimento com a qualificação docente, pois a melhoria da qualidade do ensino requer maior atenção para

a implementação de políticas públicas de formação inicial e continuada dos profissionais de educação.

Fonterrada (2008, p.22-23) nesse sentido levanta a questão da formação docente para atuar no ensino da música nas séries iniciais, mas o que vemos no dia a dia escolar são professores sem formação ou com pouco conhecimento musical atuando com a temática. O desafio a ser resolvido nessa perspectiva consiste em identificar qual o profissional mais adequado para se trabalhar nessa área.

Quem deve dar aulas de música? O professor de classe? O professor de Artes? O músico que é também professor de Educação Musical? Sem dúvida, há muitas atividades que o professor não músico pode desenvolver com sua classe para estimular o gosto pela música; sem dúvida, é possível cantar ou tocar, mesmo que o professor não saiba ler música; sem dúvida, ele poderá conduzir o interesse da classe na apreciação do ambiente sonoro escolar ou das mediações. **Para isso, ele não necessita de formação específica, mas apenas de musicalidade e interesse pela música e pelos sons. Mas, mesmo para isso, é necessário que tenha uma sólida orientação.** (grifo nosso)

Ao discutir-se a temática dessa forma, muitas vezes caminha-se para a ideia de que o professor especialista, no caso o músico, seria a melhor solução. No entanto, precisamos reconhecer que contratar uma vasta gama de professores especialistas para o ensino de música nas escolas seria inviável, já que não existem professores com formação específica suficientes para suprir toda essa demanda dos vários ciclos escolares. Mesmo se existissem, teríamos outra questão, referente à formação que estes professores especialistas deveriam ter para trabalhar com a criança no ambiente escolar. Penna (1999, p.121) sintetiza:

Faz-se necessário, por conseguinte, reconhecer os limites das possibilidades de atuação do professor especialista e buscar meios para capacitar o professor das primeiras séries para o trabalho musical em suas turmas, ou então estaremos aceitando que a música, “enquanto proposta [pedagógica] sistematizada, permaneça ausente da escola, mesmo estando presente no cotidiano dos alunos” de forma tão marcante (Subtil, 1998, p. 6).

Na segunda parte do caderno, especificamente ao que se refere à música, há uma divisão em três grandes eixos a serem trabalhados. São eles “Comunicação e expressão em música: interpretação, improvisação e composição”, “Apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical” e “A música como produto cultural e histórico: música e sons do mundo” (BRASIL, 1998). Segundo os autores os PCNs utilizam a proposta triangular de Barbosa (2002) que trabalha com uma linha teórica voltada para o ensino das artes plásticas. Penna (1999, p. 122) afirma:

Na modalidade de Música, podemos reconhecer - tanto nos objetivos gerais quanto nos conteúdos - os três “eixos norteadores”, apresentados na primeira parte dos Parâmetros para toda a área de Arte, que têm por base a Proposta Triangular (PENNA, 1999, p.122).

Volpe (2006, p.85) em pesquisa feita sobre como os professores utilizavam os PCNs

de arte em sala de aula também constatou a presença da proposta triangular de Barbosa (2002):

Constatamos que cerca de 70% dos professores desta pesquisa seguem as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte, que está alicerçada na proposta triangular de Ana Mae e, na medida do possível, se apropriam de outras linguagens, sem aprofundamentos.

Em entrevista realizada por Volpe a Coutinho sobre quais os pontos negativos que os PCNs possuíam, Coutinho ressaltou que a proposta triangular existe no documento, mas não de maneira explícita:

De negativo (nos P.C.Ns.), temos a generalidade das informações contidas no documento, onde não há referências concretas aos autores das propostas citadas, por exemplo, fala-se nas vertentes da Proposta Triangular sem citá-la diretamente (produção – apreciação – contextualização). O documento procura fazer um histórico do ensino, mas não apresenta as informações concretas, etc. (COUTINHO apud VOLPE, 2004, p.100).

A proposta triangular de Ana Mae Barbosa influencia os Parâmetros Curriculares de uma forma geral, mas percebemos mais fortemente sua influência na área da Música, uma vez que nos próprios títulos e objetivos dos eixos a serem trabalhados na música podem constatar as características da proposta triangular. De acordo com os títulos, o eixo “Comunicação e expressão em música: improvisação, composição e interpretação” se encaixa no fazer artístico proposto por Barbosa (2002), uma vez que o aluno é sujeito ativo na produção musical. No segundo eixo “Apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical”, segundo Coutinho (2004) percebe-se o outro passo da proposta triangular, de que o aluno deve apreciar a música e dedicar um tempo da aprendizagem para a sua contemplação. O terceiro e último eixo, “A música como produto cultural e histórico: música e sons do mundo” direciona para que o aluno contextualize histórica e culturalmente as obras musicais estudadas. Alguns autores como Penna (1999), Volpe (2006) e Ribeiro (2003) fazem uma crítica aos Parâmetros quanto ao método adotado (triangular), pois os mesmos afirmam que existem propostas mais voltadas para o fazer musical. Sendo assim, o documento deveria ter priorizado essas propostas e não se basear em um método da área de artes visuais para fundamentar toda uma disciplina. Não queremos dizer com isso que a proposta triangular não é válida para o ensino de artes, mas questionamos que ao sugerir no texto de música que o aluno e deve apreciar, contextualizar praticar, não são consideradas propostas voltadas para uma melhor exploração do fazer musical como o método TECLA desenvolvido pelo educador Keith Swanwick:

Nessa proposta, as três ações pedagógicas estão relacionadas com: Fazer musical, que inclui tanto execução musical (E) através da interpretação e improvisação sobre peças musicais, quanto a composição (C); Fruição, que engloba a apreciação ativa, e informada, de obras musicais; e Reflexão/Contextualização, que tem como intenção abordar os aspectos da história

e literatura musical (L). Não há, no entanto, explicitamente, espaço para o estudo da técnica instrumental (T), que mesmo sendo considerado secundário por Swanwick, ainda, assim é um fator essencial para o desenvolvimento das capacidades de expressão individual e coletiva através da música (RIBEIRO,2003,p.2).

Outro ponto relacionado aos eixos que merece atenção é a divisão escolhida. Penna (1999, p.123) questiona esta divisão proposta dos eixos, ao qual ela renomeia de 55 “blocos de conteúdos”, pois como os PCNs são a orientação oficial de como deve ser realizado o ensino de música nas escolas, este pode gerar uma expectativa “relativa ao desempenho tanto de professores quanto de alunos”.

A própria proposição destes blocos de conteúdos pode ser questionada. Por tratar do fazer musical, o primeiro é sem dúvida fundamental. Contudo, como coloca Fonterrada (1998, p. 24-25), se sua formulação é teoricamente pertinente, a situação do ensino de música nas escolas nas últimas décadas pode indicar a sua inviabilidade: o termo “composição” é, para esta autora, “pretensioso e inadequado”, e mesmo a concepção de improvisação mereceria ser claramente delimitada.

Neste trecho, vemos que ela traz à luz a discussão sobre o primeiro eixo temático proposto pelos PCNs de Música, ao qual ela continua a classificar como “blocos de conteúdos” que tratam a respeito das composições, improvisações e interpretações. Outra crítica que se faz é com relação à definição do termo composição proposta pelos Parâmetros. Sabemos, todavia que o termo “composição” dependendo da linha teórica, toma um sentido bem mais amplo do que o que permeia o imaginário do senso comum “(...) no senso comum “composição” remete a peças musicais elaboradas segundo padrões culturalmente dominantes” (PENNA, 1999, p.123). Penna (1999, p.124) nos mostra que é um tanto arriscado que os PCNs não esclareçam o que seria a composição que eles esperam por parte dos alunos, uma vez que isso pode gerar uma pressão em cima dos professores para que esses se adequem ao que se espera que seja produzido com a composição:

Desta forma, parece problemático que os PCN-Arte possam dar margem a expectativas desproporcionais, permitindo que o professor venha a ser pressionado, por exemplo, a realizar na escola, ao final de um ano de trabalho, um “festival de música” com as “composições” de seus alunos. Sendo assim, talvez fosse mais adequada a noção mais ampla de “criação”, que pode se dar tanto de modo exploratório quanto por uma organização planejada do material sonoro (estruturação).

Mas podemos relativizar esta crítica de Penna. Sobre a parte de improvisações e interpretações, os PCNs consideram que esses são produtos da música e acreditam que para que a formação musical do cidadão seja completa, este precisa ter a oportunidade de participar ativamente desse processo, não sendo apenas ouvinte, mas também interpretando, compondo e até mesmo improvisando dentro e fora do ambiente escolar (BRASIL, 1998). E ainda sugere ao professor que ao trabalhar com composição e interpretação em sala de

aula o mesmo esteja atento para essa diferenciação dos dois:

Nas produções musicais em sala de aula, é importante compreender claramente a diferença entre composição e interpretação. Numa canção, por exemplo, elementos como melodia ou letra fazem parte da composição, mas a canção só se faz presente pela interpretação, com todos os demais elementos: instrumentos, arranjos em sua concepção formal, arranjos de base com seus padrões rítmicos, características interpretativas, improvisações, etc. (BRASIL, 1998, p.54).

Dessa maneira, o aluno irá descobrir que para interpretar uma música ele não precisa se limitar aos trejeitos do compositor que a fez. Ele pode colocar a si mesmo na canção quando interpreta, evitando assim a cópia da interpretação de outra pessoa.

O intérprete experiente sabe permitir que as mais sutis nuances da canção interpretada inscrevam-se na sua voz, que passa a ser portadora de uma grande quantidade de elementos da linguagem musical. Para que possa ser capaz de fazer o mesmo, o aluno necessita das interpretações como referência e de tempo para se desenvolver por meio delas, até que adquira condições de incorporar a canção com todos os seus elementos (BRASIL, 1998, p.54).

Ainda sobre o texto do primeiro eixo, sugere-se que seja promovida a interação com os diversos “grupos musicais e artísticos locais”, pois dessa forma a escola estará contribuindo para que seus alunos se tornem “(...) ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais” (BRASIL, 1998, p.53). Acredita-se que ao incentivar a participação dos alunos em eventos culturais este irá compreender de maneira mais profunda a música:

Incentivando a participação shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história (BRASIL, 1998, p.53).

Outro ponto do eixo em questão que merece ser discutido é o direcionamento dado pelo documento ao professor para que o mesmo, ao trabalhar com os diversos estilos musicais e os vários componentes da música como ritmo, melodia e batuque, esteja atento para a diversidade cultural existente. Ainda ressalta que o professor tem que acolher o material trazido pelo aluno, pois o mesmo faz parte da sua cultura e de sua vivência:

Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade, precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros (BRASIL, 1998, p.53).

Esse é um ponto extremamente importante e positivo no PCN de Artes, pois seu texto demonstra a existência da diversidade musical e que a mesma é levada em conta.

Dessa forma, sugere que a utilização da música seja feita de maneira que haja uma contextualização com a realidade vivida pelo aluno, incentivando produções da cultura local e do cotidiano a ingressarem no ambiente escolar. Dessa forma desvincula-se o pensamento de que para se trabalhar com a música na escola deve-se limitar a estilos consagrados e considerados adequados, dos quais podemos destacar as diversas músicas da MPB ou cantigas populares e infantis, no caso das séries iniciais. Coutinho (2004, p.158) concorda com esse pensamento ao dizer:

É preciso que o trabalho do professor de arte não fique isolado entre as paredes da escola. A escola precisa com urgência abrir suas portas e acolher a produção cultural de sua comunidade e de outros lugares e épocas.

Outro questionamento que apontamos a respeito do primeiro eixo é o conhecimento específico musical trazido em seu texto. São conhecimentos que necessitam ser adquiridos pelos professores para que eles possam trabalhar com a música na escola de acordo com o que os documentos pedem. Como exemplos de conhecimentos musicais específicos selecionamos os seguintes trechos:

- Utilização do **sistema modal/tonal** na prática do canto de uma ou mais vozes.
- Percepção e identificação dos **elementos da linguagem musical** em atividades de produção, explicitando-os por meio da voz, do corpo, de materiais sonoros e de instrumentos disponíveis
- Utilização e **elaboração de notações musicais** em atividades de percepção (BRASIL, 1998, p.55, grifos nosso).

Para Penna (1999, p.126) os conteúdos específicos “Para que possam ser efetivamente trabalhados, conteúdos amplos e complexos como esses exigem uma presença constante do ensino de música na vida escolar do aluno.” Algo que em diversos trabalhos comprova-se que ainda não conseguimos atingir na escola. O PCN como dito anteriormente pede o comprometimento do professor para se inteirar dos conhecimentos musicais quando se propuser a trabalhar com a música na sala de aula, no entanto, sabemos que nas escolas públicas os professores não tem tempo para atuar como professor-pesquisador. A carga horária destinada ao planejamento (PL) muitas vezes é insuficiente até mesmo para as atividades normais do dia a dia escolar. Mizukami (2000), em sua pesquisa já nos comprovou a dificuldade de se exercer na educação básica o papel de professor-pesquisador. Dessa maneira, a formação continuada é um possível caminho para que o professor adquira não só esse conhecimento específico, mas como todos os outros conhecimentos básicos já citados no texto para se trabalhar em sala de aula com a música. No segundo eixo temático proposto para o ensino da Música, “Apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical”, destacamos inicialmente um ponto que consideramos pertinente ser analisado. O texto sugere que se traga a questão junto aos alunos do que seria considerado música, fazendo-os analisar

diferentes tipos de expressões musicais, utilizando-se de textos teóricos que propiciem debates a respeito do tema. O mesmo formularia sua opinião com base nas diferentes produções musicais que existem e os diversos estilos que ele teve contato. Percebemos que o canto especificamente ocupa um lugar de destaque em sua elaboração. A música, como vimos, é composta de vários elementos como harmonia, ritmo e melodia e de acordo com os próprios PCNs (1998, p.54):

As canções brasileiras constituem um manancial de possibilidades para o ensino da música com música e podem fazer parte das produções musicais em sala de aula, permitindo que o aluno possa elaborar hipóteses a respeito do grau de precisão necessário para a afinação, ritmo, percepção de elementos da linguagem, simultaneidades, etc.

Para Penna (1999, p.119-120) a ênfase explicitada nos documentos a respeito do canto se deve principalmente por ser uma atividade já existente e comumente utilizada no dia a dia escolar:

A ênfase dada ao canto talvez expresse, em certa medida, a sua presença na prática pedagógica deste nível de ensino, onde é comumente realizado pelo professor de classe, freqüentemente sem maiores preocupações com objetivos propriamente musicais.

Destacamos que existe uma grande possibilidade de que ela não seja utilizada da forma correta em sala de aula, por falha do próprio PCN que deixa vago, confuso e muitas vezes é passível de variadas interpretações. Infelizmente como o professor não tem domínio dessas técnicas devido à falta de formação, o que comumente vemos em sala de aula segundo Volpe (2006), Penna (1999), Fonterrada (2008) e como constatado em nossa pesquisa, são canções sendo colocadas para apreciação e em seguida alunos aprendendo a letra, melodia e repetindo os sons sem nenhum trabalho vocal específico e intencional. Penna (1999, P.32) sugere que para que a utilização do canto de forma errônea não se repita no ambiente escolar os PCNs devam fazer referências a alguns conceitos técnicos vocais:

Assim, para que a proposta dos PCN-Arte não venha apenas referendar o canto como uma atividade já existente - muitas vezes distorcida de seu potencial de desenvolvimento musical -, mas antes dar-lhe real finalidade educativa, consideramos que seriam indispensáveis algumas indicações, por breves que fossem, quanto aos cuidados com algumas questões de técnica vocal - como a tessitura fisiologicamente correta para a voz infantil, ou o processo de muda de voz na adolescência.

O último ponto que queremos analisar sobre o segundo eixo dos PCNs seria o trecho “Explicitação de reações sensoriais e emocionais em atividades de apreciação e associação dessas reações a aspectos da obra apreciada” (BRASIL, 1998, p.55). Pode-se entender com esse trecho que o mesmo considera a reação emocional que a música pode ter para cada indivíduo, ao sugerir que “reações sensoriais e emocionais” sejam trabalhadas associadas com as músicas apresentadas. No entanto, como não se discute isso em mais

nenhum momento do documento, essa proposta deixa margem a algumas dúvidas de interpretação. Como já discutido anteriormente, existem músicas que são feitas pensando em despertar certos sentimentos nas pessoas, como tensão em um filme de suspense ou terror ou ainda como citada anteriormente por Cross (2008), os jogos, no qual cada fase transforma a música tema de acordo com o sentimento que quer despertar no jogador. Trabalhar com o aluno a capacidade de reconhecer 60 conscientemente essas transições, muitas vezes sutis, traria ainda mais sensibilidade e conhecimento musical para o aluno e o ajudaria a compor ou interpretar com mais embasamento suas próprias canções. No entanto, não sabemos se essa foi a intenção do documento ao sugerir que se trabalhe com reações sensoriais e emocionais, pois o mesmo é vago nessa questão. Na terceira e última temática “A música como produto cultural e histórico: música e sons do mundo” gostaríamos de ressaltar a transversalidade que se faz presente principalmente nesse eixo. No trecho “Movimentos musicais e obras de diferentes épocas e culturas, associadas a outras linguagens artísticas no contexto histórico, social e geográfico observados na sua diversidade” (BRASIL, 1998, p.58), percebemos de maneira clara que o eixo traz como proposta o trabalho com a Pluralidade Cultural e como este deve ser trabalhado relacionando com as artes:

Alguns dos conteúdos com tais características articulam-se aos temas transversais - como, por exemplo, “Reflexão, discussão e posicionamento crítico sobre a discriminação de gênero, etnia e minorias, na prática da interpretação e criação musicais em diferentes culturas e etnias, em diversos tempos históricos” (PCN Arte II, p.86), que diz respeito diretamente ao tema da Pluralidade Cultural, o mais relevante para a área de Arte (PENNA, 1999, p.130).

A transversalidade presente nesse documento, no entanto, se mostra mais presente nas propostas voltadas para o 3º e 4º ciclo:

De modo geral, os temas transversais são contemplados com clareza em todos os componentes curriculares de Música da proposta para os 3º e 4º ciclos, pois, neste nível de ensino, parece haver um maior compromisso da área de Arte com os mesmos, que são discutidos na primeira parte do documento (PENNA, 1999, p.130).

Outro ponto importante dentro do terceiro eixo é que a história cultural de um povo pode e deve ser valorizada e utilizada como fonte primária de pesquisa:

Fontes de registro e preservação (partituras, discos, etc) e recursos de acesso e divulgação da música disponíveis na classe, na escola, na comunidade e nos meios de comunicação (bibliotecas, mídiotecas, etc.) (BRASIL, 1998, p.55).

Ao sugerir que se trabalhe com fontes primárias para melhor contextualizar os períodos estudados, foge-se das fontes consideradas oficiais que possibilitam apenas o olhar dos vencedores ou políticos e amplia tanto o campo de pesquisa quanto a possibilidade de olhar por outros ângulos do mesmo fato histórico, apontando para uma ruptura com a



história tradicional, uma vez que seus objetivos não se restringem em analisar apenas fontes consideradas oficiais. Tentamos trazer com essa análise do caderno de Artes e dos eixos temáticos relacionados à música algumas inquietações e respostas sobre o que o PCN define para seu ensino, conteúdos, como este deve ser trabalhado em sala de aula e como se garantirá seu acesso entre outras perguntas que a LDB de 1996 deixou ao colocar a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, mas não orientou como isso deveria ser feito. Percebemos com a análise que os grandes pontos considerados problemáticos nos Parâmetros perpassam a questão da formação e que esta deverá ser priorizada para que se atinjam os objetivos traçados e propostos no documento. Volpe (2006, p.52) corrobora nosso pensamento ao reforçar que para ser professor de Artes e trabalhar com as diversas linguagens o professor necessita ter domínio teórico dos conceitos que perpassam a disciplina:

Todos estes discursos apontam para uma direção: a qualidade do conhecimento do professor e sua condição de profissionalização autônoma. (...) Como professores de arte temos de conhecer desde os conceitos fundamentais da linguagem da arte até os meandros da linguagem artística em que se trabalha. Temos de saber como ela se produz – seus elementos, seus códigos – e também como foi e é sua presença na cultura humana, o que implica numa visão multicultural, na valorização da diversidade cultural.

Dessa forma, podemos perceber que o que vemos no decorrer do texto dos PCNs é que a música deverá ser trabalhada, mas não especifica por quem, quando e como. É uma linguagem da arte, mas a mesma não ficará restrita apenas a ela mesma. Um professor pedagogo, de educação física ou até mesmo de ensino religioso poderia trabalhar com a música na sala de aula, mas qual seria o preparo para trabalhar com intencionalidade pedagógica o texto não nos deixa claro. A música no texto aparece mais como uma ferramenta pedagógica do que como uma disciplina complexa, que vimos que ela é nas discussões que trouxemos no trabalho. Os questionamentos, dúvidas e análises que fizemos até aqui sobre legislação, documentação e conceitos do que seria a música e como a mesma vem sendo trabalhada nas escolas, serviram como maneira de melhor conhecermos o cenário musical tanto no mundo quanto em sua trajetória no meio escolar.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. (org). **Inquietações e mudanças no ensino de Artes**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: arte/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COUTINHO, R. A formação de Professores de Artes. In - BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino de Artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CROSS, I. **Musicality and the human capacity for culture**. Music and Scientiae, Ohio, special number, p.127-143, 2008.

FONTEERRADA, M. T. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GOMES, K.B. NOGUEIRA, S. M. **A. Ensino da Arte na escola pública e aspectos da política educacional: contexto e perspectivas**. Ensaio: Avaliação de Políticas públicas e educacionais, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 583-596, out./dez. 2003.

INEP. **Perguntas Frequentes**. Brasília: CNPq, 2015. Disponível em: Acesso em 17 de outubro de 2016.

MAGALHÃES, A. T. V. Ensino de arte: perspectivas com base na prática de ensino. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: As abordagens do processo. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2000.

PENNA, M. Música na Escola: Analisando a proposta dos PCN para o Ensino Fundamental. In: PENNA, M. **É este o ensino de Arte que queremos?** CCHLE, João Pessoa, 1999, cap.6, p.113-134.

RIBEIRO, H. **Arte e Música segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais**. Porto Alegre: Biblioteca Digital, 2003. Disponível em: Acesso em 17 de outubro de 2016.

VOLPE, P. **Parâmetro Curricular nacional do Ensino de Artes: um diálogo com os docentes**. 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Academia Imperial de Belas Artes 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11

Análise acústica 12

Anos iniciais 214, 216, 219

Aprendizagem de docência 231, 238

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 23, 24, 29, 30, 31, 34, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 100, 101, 104, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 143, 154, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 199, 207, 208, 210, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 234, 243

Arte participativa 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 92

### C

Calendário do som 70, 71, 77, 79, 80

Campos mórficos 81, 99

Contextos de aprendizagem da música 151

Criatividade 37, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 51, 86, 130, 132, 133, 165, 172, 182, 198, 211, 215

Cultura 27, 34, 61, 63, 66, 68, 69, 80, 86, 88, 89, 101, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 128, 129, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 159, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 190, 202, 204, 218, 225, 226, 229, 233, 237, 243

Cultura afro-brasileira 116, 118, 119, 120, 121, 129

Currículo 1, 118, 119, 120, 154, 155, 156, 178, 179, 180, 181, 183, 187, 188, 193, 219, 220

### D

Design de moda 36, 37, 46, 47

Dimensões da musicalidade 207, 208, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Diversidade cultural 116, 117, 118, 119, 126, 128, 221, 225, 229

### E

Educação das relações étnico-raciais 139, 140, 143, 149

Educação musical 48, 49, 51, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 179, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 242

Ensino-aprendizagem 53, 82, 99, 130, 131, 135, 166, 176, 234, 236, 240

Ensino artístico 1, 2, 10, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 162

Ensino coletivo de violino 197, 198  
Ensino de artes visuais 165, 166, 176, 177  
Ensino de música 68, 69, 152, 158, 160, 163, 181, 183, 189, 190, 192, 197, 198, 206, 208, 210, 219, 222, 224, 226, 229, 237  
Ensino de regência 178, 179, 187  
Ensino do desenho 2, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 113, 114  
Ensino formal e não-formal 231  
Ensino genérico da música 151  
Ensino não formal 102, 110  
Equilíbrio sonoro 12, 16, 17, 21  
Escola 2, 3, 5, 6, 10, 11, 14, 21, 24, 25, 52, 54, 55, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 100, 110, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 143, 147, 148, 154, 155, 157, 158, 159, 163, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236  
Escola rural 197, 199, 200  
Estágio 38, 53, 191, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242

## **F**

Festival de música contemporânea brasileira 70, 80  
Flauta transversal 12  
Formação e atuação em educação musical 48  
Formação musical 48, 49, 56, 157, 159, 182, 189, 199, 224  
Frevo 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79

## **G**

Gestão por processo 36, 38, 39, 42, 45

## **H**

Hélio Oiticica 29, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 101  
Hermeto Pascoal 70, 71, 72, 74, 79, 80  
História africana 116  
História da arte 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 29, 85, 86, 165, 166, 167, 168

## **I**

Identidade 42, 59, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 95, 106, 112, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 193  
Inclusão 29, 130, 144, 155, 190, 192, 196  
Integração 37, 56, 57, 81, 85, 86, 92, 98, 105, 112, 130, 132, 153, 156, 159, 182, 190, 234,

Intergeracionalidade 59, 60, 61, 63, 67

## L

Licenciatura em música 130, 131, 135, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 198, 206, 231, 232, 233, 234, 235, 239

Lygia Clark 81, 82, 85, 94, 97, 98, 100, 101

## M

Memórias afetivas 81, 92, 93, 94

Metodologia 4, 9, 24, 31, 37, 41, 43, 45, 47, 50, 82, 87, 100, 105, 130, 131, 135, 137, 138, 143, 179, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 199, 201, 202, 231, 233, 240

Metodologias experimentais 23

Música 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 79, 80, 92, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242

Música mista 12, 14

Musicologia 70

## N

Negros 30, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 141

## P

Paul Ricœur 70, 71

Pedagogia das encruzilhadas 23, 24, 26, 35

Prática docente 49, 102, 103, 105, 107

Prática pedagógica 29, 110, 116, 192, 227

Prática profissional 48, 55

Produção do conhecimento 36, 41, 42

Projeto de extensão universitária 48

Projeto social 189, 192, 195, 231, 233, 240

## T

Terceira idade 63, 165, 166, 176, 177

Transtextualidade 70

## **V**

Voluntariado 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

## **W**

Walter Benjamin 23, 26, 29, 34, 35

# ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

# 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

# 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021